

Caraça entendia que a manutenção da tecnologia anterior era um exemplo de "tiraniazinha sobre a pobre massa académica". Hoje as tábuas de logaritmos são realmente métodos do passado (alguém ainda sabe o que são a característica e a mantissa do logaritmo de um número?).

20 anos mais tarde, Sebastião e Silva defendia o estudo da estatística mas alertava: "os cálculos exigidos pelos métodos estatísticos são geralmente muito laboriosos. Por esse facto, não será fácil nem aconselhável resolver nas aulas problemas numéricos de estatística, mesmo simples, sem o auxílio de máquinas de calcular." Temos de reconhecer que, 40 anos depois, o progresso deixa ainda a desejar.

Infelizmente as dificuldades em integrar a tecnologia na escola afectam especialmente a disciplina de matemática, ao afastá-la para mais longe da realidade tangível: entre outros aspectos, a capacidade de estimativa e os métodos numéricos aproximados estão aquém das necessidades actuais de qualquer cidadão ou de qualquer profissional. Ainda não podemos contestar a seguinte afirmação do mesmo Sebastião e Silva: "se alguém lhes perguntar como se calculam todas as raízes de uma dada equação algé-

brica, de grau arbitrário, com a aproximação que se queira, terão de reconhecer que não sabem. Isto dá bem nota de como o ensino tradicional tem sido afastado da realidade."

A integração da tecnologia na escola e na disciplina de matemática é um dos maiores desafios da educação actual. De algum modo a capacidade da escola e da matemática responderem aos desafios da actualidade e do futuro é medida pela eficácia com que a tecnologia é integrada nos currículos escolares. Os próprios conteúdos escolares deverão inevitavelmente sofrer alterações (o que não é nada dramático pois ao longo dos tempos tal sempre foi a regra). Claramente as rotinas elementares que continuam ainda a ser a pedra de toque do ensino da matemática (ainda por cima com notável insucesso) não podem continuar inalteradas. O nosso grande desafio está, tal como afirma o matemático espanhol Miguel de Guzman, em conseguirmos preparar os nossos alunos para "el diálogo inteligente con las herramientas que ya existen, de las que algunos ya disponen y otros van a disponer en un futuro que ya casi es presente".

Jaime Carvalho e Silva  
Universidade de Coimbra

## Vocês lá na revista não querem ...? Queremos!

A partir do primeiro número de 2003 o Eduardo Veloso deixa de ser o responsável pela secção "Tecnologias na educação matemática". A participação activa do Eduardo na revista Educação e Matemática tem assumido muitas formas. Uma delas tem sido o de responsável por esta secção. O Eduardo deu-lhe forma e concebeu-a desde o seu início contribuindo decisivamente para que os vários números da revista constituíssem uma importante fonte de informação sobre o uso do computador na educação matemática. Poder contar com o Eduardo como responsável desta secção foi um privilégio que muito contribuiu para melhorar a qualidade da nossa revista.

O Eduardo Veloso lança a si próprio desafios que enfrenta e concretiza

com um entusiasmo e qualidade notáveis. A Educação e Matemática tem contextualizado alguns desses desafios e estamos convictos que ela vai continuar a contextualizar novos projectos de participação do Eduardo que nos ajudem a ter uma revista cada vez melhor.

Daqui para a frente, antes da preparação de um número da revista não teremos o habitual contacto com o Eduardo para confirmar a data em que deve ser entregue o conteúdo da secção "Tecnologias na educação matemática". Mas de certeza que continuaremos a poder contar com as suas ideias e a sua participação activa. Sabemos que o ano 2003 é apenas um ano de "novos desafios" e que iremos ouvir ainda mais o Eduardo dizer:



"Olhem vocês lá na revista não querem ... Talvez possa propor um artigo ..."

A redacção da revista Educação e Matemática